

efeméride

60 anos da bomba atômica em Hiroshima

*"Pensem nas crianças
Mudas telepáticas
Pensem nas meninas
Cegas inexatas
Pensem nas mulheres
Rotas alteradas
Pensem nas feridas
Como rosas cálidas
Mas, oh, não se esqueçam
Da rosa da rosa
Da rosa de Hiroshima
A rosa hereditária
A rosa radioativa
Estúpida e inválida
A rosa com cirrose
A anti-rosa atômica
Sem cor sem perfume
Sem rosa em nada"*

Vinícius de Moraes, "Rosa de Hiroshima"

Carlos Frederico Gama

antecedentes.

A ciência física, entre Max Planck e Albert Einstein, deu um salto gigantesco nas últimas décadas do século XIX e início do século XX, para muito além do modelo clássico de Isaac Newton. A possibilidade de manipulação das partes mais elementares do que chamamos *matéria* deixou de ser uma utopia. Para alguns visionários, o átomo representava o fim da dependência humana em relação a fontes energéticas não-renováveis, como os hidrocarbonetos (petróleo).

Mas havia outros empregos também em vista. Em carta ao então presidente estadunidense Franklin Delano Roosevelt, Albert Einstein alertava para a possibilidade de a Alemanha nazista empregar a recém-descoberta *argamassa da matéria*, manipulando as partículas sub-atômicas, para a construção de armas de potencial destrutivo desconhecido. Roosevelt, como corolário, decide pela criação sigilosa do Projeto Manhattan – destinado a desenvolver e construir armas baseadas no átomo.

"*Agora, tornei-me a morte, o destruidor dos mundos*", estas palavras oriundas de um livro sagrado hindu, os Vedas, foram proferidas pelo chefe do Projeto Manhattan, Julius Oppenheimer, quando do primeiro teste nuclear bem-sucedido da história, em Alamogordo, deserto do Novo México, Estados Unidos. Três semanas depois, em 3/8/1945, o avião militar Enola Gay despejaria sobre a cidade de Hiroshima, Japão, o primeiro artefato militar nuclear de que se tem notícia.

desdobramentos.

*"A paz fez um mar da revolução
Invadiu meu destino... A paz
Como aquela grande explosão
Onde uma bomba sobre o Japão
Fez nascer um Japão na paz"*

Gilberto Gil e João Donato, "A Paz"

70 mil pessoas morreram no instante da explosão, como 100 mil outras morreriam subseqüentemente das seqüelas da radiação atômica. Nagasaki, outra cidade japonesa, seria a vítima seguinte, uma semana depois, com 65 mil mortos imediatos. Esse potencial destruidor incomensurável levaria o Império Japonês, em menos de um mês, a se render incondicionalmente aos Estados Unidos da América, que de lá só sairia (parcialmente) em 1952. Estava terminada a Segunda Guerra Mundial, e iniciada uma nova era nas relações humanas: a Era do Átomo.

O advento das armas nucleares engendrou mudanças profundas nas Relações Internacionais. O tema do Desarmamento, virtualmente esquecido após o fiasco da Liga das Nações, retornou à agenda internacional para dela não mais sair. Após a Segunda Guerra Mundial, não tivemos notícia de confronto direto entre as potências internacionais, não obstante o temor de um confronto nuclear tenha estado presente em todo o período, uma espada de Dâmocles que ganhava corpo à medida que o *clube nuclear* aumentava (URSS, Grã-Bretanha, França, China, Israel, Índia, Paquistão, ?). O termo *não-proliferação* voltava à baila, depois de décadas associado ao armamento químico. Formas de evitar o perigo da escalada dos conflitos, numa espiral que levasse ao emprego de armamento nuclear, adentrou as páginas dos tomos de teoria das Relações Internacionais, fossem seus autores realistas ou não. É eloqüente perceber que a grande preocupação do ocaso da carreira de dois autores como Hans Morgenthau e Kenneth Waltz incidia especificamente sobre o papel, e os perigos advindos, da existência de um arsenal nuclear nas mãos de Estados nacionais soberanos, num mundo anárquico.

Enfim, pela primeira vez em milênios de existência, a extinção da raça humana não esteve mais apenas nas mãos de grandes glaciações, vulcanismo, meteoros ou mudanças climáticas de vulto. A Humanidade tornou-se, definitivamente, sua própria carrasca.